

**FUNCIONAMENTO DE LINGUAGEM
E TRISSOMIA DO CROMOSSOMO 21**

Nayra Marinho Silva Paz (UESB)⁴⁹

nmsilva06@hotmail.com

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UESB)

carlaghipires@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar algumas questões do funcionamento da linguagem de JR, um jovem com trissomia do cromossomo 21 (T21). Interessa-nos, a organização discursiva dos enunciados dele, por exemplo, “café hoje” para “você tomou café hoje”? Para investigar esse aspecto é desenvolvido um estudo longitudinal, qualitativo, baseado nos postulados da Neurolinguística Discursiva (ND) e da Teoria Histórico-Cultural (THC). Quanto às hipóteses assumidas neste estudo, acreditamos que JR vivencia um processo de aquisição de linguagem que não se sedimentou, devido às especificidades presentes na fala dele. Admitimos ainda, a existência de barreiras linguísticas concentradas nos eixos sintagmático e paradigmático, dificultando o acesso lexical e a combinação desses elementos para formação das sentenças. Dessa forma, concebemos a importância do outro para auxiliar JR a desdobrar a sua fala. É na situação relacional direcionada, focada nas necessidades linguísticas do sujeito que ele pode avançar, assim, o papel do mediador e a Linguística são fundamentais para construção de intervenções adequadas a cada caso. O estudo revelou que na estrada da linguagem, há ainda muitos passos para JR trilhar com as pesquisadoras, pois os avanços conquistados configuram “pontos de parada”, pois podemos auxiliá-lo muito mais para a apropriação da linguagem, afinal a deficiência não é o destino, mas o ponto de partida para caminharmos todo o percurso.

Palavras-chave:

Linguagem. Organização Discursiva. Trissomia do Cromossomo 21.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es investigar algunos aspectos sobre el funcionamiento del lenguaje de JR, un joven con trisomía 21 (T21). Nuestro interés, la organización discursiva de sus enunciados, por ejemplo, “café hoy” para “¿bebiste café hoy”? Para investigar ese aspecto, se desarrolló un estudio longitudinal, cualitativo, basado en los postulados de la Neurolingüística Discursiva (DN) y la Teoría Histórico-Cultural (THC). A propósito de las hipótesis planteadas en este estudio, creemos que JR pasa por un proceso de adquisición del lenguaje que no se ha consolidado, debido a las particularidades presentes en su habla. Admitimos también la existencia de barreras lingüísticas concentradas en los ejes sintagmático y paradigmático, lo que dificulta el acceso al léxico y a la combinación de los elementos usados para formar oraciones. Por ello, concebimos la importancia del otro para ayudar a JR a progresar en su habla. En la situación relacional orientada, centrada en las necesidades lingüísticas del sujeto, es

⁴⁹ Agradeço à UESB pelo apoio financeiro concedido.

que éste podrá avanzar, así, el rol del mediador y la Lingüística son fundamentales para construir intervenciones adecuadas para cada caso. El estudio reveló que JR todavía tiene mucho por recorrer en la senda del lenguaje junto a las investigadoras, dado que en los avances conquistados hay “puntos de parada”, por ello podremos ayudarlo muchísimo a apropiarse del lenguaje, después de todo la discapacidad no es el destino, sino el comienzo del trayecto a recorrer.

Palabras clave:

Lenguaje. Organización Discursiva, Trisomía del Cromosoma 21.

1. Considerações iniciais

A presente pesquisa tenciona examinar e discutir algumas particularidades na organização discursiva de JR, um jovem com a trissomia do cromossomo 21. A síndrome de Down (SD) foi estudada e descrita pelo médico Sir John Longdan Down, em 1866; contudo somente em 1959, passou a ser reconhecida como uma síndrome por Jérôme Lejeune, diretor do Departamento de Genética Fundamental da Universidade de Paris, e sua equipe (Cf. SCHWARTZMAN, 1999). Para Stratford (1989), a SD trata-se de uma condição decorrente da trissomia do par cromossômico 21, sem graus de acometimento, irreversível por sua condição genética ocorrida na fase de desenvolvimento embrionário.

Podemos citar algumas características físicas, estas podem ser vistas por meio de ultrassonografia, ou logo após o nascimento, tais como: “inclinação oblíqua dos olhos, presença de prega palmar única, face achatada, hipotonia generalizada, problemas cardíacos e respiratórios, deficiência mental” (GHIRELLO-PIRES; LABIGALINI, 2010, p. 359). No que concerne à relação entre a linguagem e a criança com síndrome de Down, segundo Ghirello-Pires e Moreschi (2016), geralmente as crianças com SD são consideradas de ‘risco’ para aquisição e desenvolvimento da linguagem, devido aos fatores orgânicos supracitados (Cf. GHIRELLO-PIRES; MORESCHI, 2016), entretanto, as autoras assumem que estas questões, apontadas pela literatura, não sejam impeditivas para a aquisição e desenvolvimento da linguagem. Dito de outra forma, as estudiosas reconhecem os aspectos biológicos, como uma mola propulsora para superação das dificuldades linguísticas, afinal o desenvolvimento da linguagem dá-se por meio da situação relacional com o outro, além disso, o cérebro é uma estrutura plástica na qual o funcionamento da linguagem se formará na ontogênese, nada do que diz respeito à linguagem está determinado.

Assim, faz-se necessário a formulação de um trabalho linguístico

focado nas necessidades de cada criança/sujeito com a SD para auxiliá-las na apropriação do funcionamento de linguagem.

Desse modo, assumimos como fio condutor a teoria da Neurolinguística Discursiva (ND) e a Teoria Histórico Cultural (THC), dado que guardadas as devidas proporções essas correntes assemelham-se e seus fundamentos dialogam, pois a ND concebe o sujeito em sua particularidade, suas potencialidades dissociadas de uma visão patológica. Com base nos estudos de Abaurre e Coudry (2008), inspiradas em Franchi (1992), a linguagem é tomada enquanto trabalho e dá-se por meio da interlocução edificada nas práticas discursivas, que moldam as nossas experiências, assim, a linguagem é tida como um trabalho sócio-histórico formado por interlocutores, é atividade constitutiva e interação humana. Nesse sentido tais fundamentos corroboram a perspectiva assumida por Vigotsky⁵⁰ (1997) na THC, pois para este estudioso, a linguagem possui uma função reguladora atuante na tomada de decisão do sujeito. Ela orienta o comportamento da criança e a auxilia na organização interna para resolução de problemas.

Para examinarmos as especificidades da organização discursiva de JR, consideramos os postulados de Jakobson (1970). O referido autor, em seu trabalho acerca das afasias, estudou a respeito do sistema bipolar da linguagem com base nos eixos da seleção e da combinação. Segundo o autor, perturbações de linguagem podem ocasionar a “unipolaridade da linguagem”, por exemplo, quando o eixo destinado à seleção é afetado há a chamada *desordem da similaridade*, ao passo que quando o eixo da combinação é alterado temos a *desordem da contiguidade*. Dessa forma, uma modificação no funcionamento de linguagem acarreta em prejuízos em um ou em outro eixo. Em outras palavras, o sujeito pode selecionar palavras, mas não conseguir combiná-las para formação das sentenças ou ser capaz de combinar, porém apresentar dificuldades no que diz respeito ao acesso lexical e à evocação. Ghirello-Pires e Labigalini (2010), discutem que os sujeitos com T21 apresentam dificuldades em manejar os eixos da seleção e da combinação. Segundo as autoras, as barreiras concentram-se, sobretudo, no eixo sintagmático, combinação, dessa forma, “a atividade de linguagem desses sujeitos predominantemente sobre o eixo paradigmático (seleção)” (GHIRELLO-PIRES; LABIGALINI, 2010, p. 366). As referidas estudiosas sublinham que a unipolaridade da lingua-

⁵⁰ Ressaltamos que o nome de Vigotsky é registrado de formas diferentes na literatura. Assim, quando menção adotar-se-á Vigotsky e mediante citações conforme a bibliografia referenciar.

gem não acontece o tempo todo, nem tampouco é um traço da trissomia do cromossomo 21. Uma vez que o sujeito pode avançar na linguagem, as dificuldades na operação dos dois eixos são processos naturais da língua, visíveis na fase de aquisição da linguagem ou em contextos terapêuticos de intervenção linguística, por isso admitimos a importância do trabalho focado e direcionado, proposto pelo outro para possibilitar ao sujeito com dificuldades a operar em seu funcionamento de linguagem.

Uma vez que partimos da hipótese de um processo de aquisição tardio e não sedimentado por JR, interessa-nos algumas particularidades observadas na organização discursiva dos enunciados dele, por exemplo, presença de holófrases, quando a criança pequena realiza uma palavra para expressar o sentido de frases complexas, sentenças com omissões de algumas categorias linguísticas, questões de ordenação sintática. No intuito de investigar essas ocorrências feitas por JR, buscamos nos estudos na fase inicial da aquisição da linguagem e dos estágios os movimentos feitos pelas crianças para que assim possamos melhor compreender o processo de aquisição experienciando por JR. Salientamos que com isso, não intentamos equiparar JR com uma criança que apresenta um desenvolvimento típico da linguagem, mas observar o que é discutido na literatura especializada para compararmos JR com ele mesmo ao longo do estudo longitudinal.

Os estudos voltados à aquisição da linguagem são uniformes ao apontar que tal processo se concretiza na criança até os 5 (cinco) anos de idade. Grolla e Silva (2020) apresentam as fases de aquisição da linguagem experienciadas pelas crianças observadas com base em um estudo longitudinal. Segundo elas,

[...] observou-se que a idade em que tais estágios acontecem pode variar de criança para criança. [...] No entanto, o que esses dados nos mostram adicionalmente é que a sequência de estágios não varia de criança para criança. (GROLLA; SILVA, 2020, p. 64)

Para as referidas autoras, o parâmetro mais indicado para demonstrar o “nível de desenvolvimento linguístico de uma criança é o estágio em que ela se encontra, e não a sua idade” (GHIRELLO-PIRES; LABI GALINI, 2010, p. 64).

É importante atentar-se não para a idade, mas para o estágio, no qual a criança se encontra. Essa assertiva remete-nos à periodização segundo a Teoria Histórico Cultural, ou seja, as etapas do desenvolvimento da criança não consistem que os avanços ocorram seguindo a idade cronológica. Assim, as fases para as autoras organizam-se da seguinte ma-

neira: nos primeiros meses os bebês choram e emitem os primeiros sons, bem como são capazes de diferenciar línguas de sonoridades rítmicas distintas, aos 6 meses surge o balbucio de sílabas diferentes e repetidas; com 10 meses nota-se uma transformação no balbucio da criança, este passa a se limitar aos sons que a criança ouve, com 1 ano a habilidade das crianças para discriminar sons de línguas distintas de sua língua materna diminui, a criança passa a produzir as primeiras palavras com valor de frases; entre 1 ano e 6 meses dá-se a produção de duas palavras com contorno frasal, nessa fase, para Grolla e Silva (2020), a criança conhece a ordem das palavras de sua língua materna. De 2 a 3 anos, o vocabulário da criança aumenta de 400 a 900 palavras, nessa fase também despontam as sobregeneralizações (“eu sabo”, ‘eu trazi’)” e acima dos três anos, um repertório lexical maior, cerca de 1.200 palavras, as sentenças formuladas pela criança já apresentam algumas categorias gramaticais como as preposições, os artigos, entre outras; observa-se ainda a presença de sentenças com estruturas mais complexas, por exemplo, orações relativas e clivadas.

Segundo Karmiloff-Smith (1997), mudanças fundamentais ocorrem no desenvolvimento linguístico após os 5 anos, pois há reorganização das representações linguísticas internas. Para a autora, a criança após essa idade já passa a organizar o discurso falado. Ela aponta um estudo feito para mapear a aquisição das classes gramaticais concomitante ao desenvolvimento do léxico, com crianças de 16 a 30 meses e constatou-se três etapas, a primeira de 18 a 20 meses há uma notória ampliação das expressões nominais, assim, em torno de 60% do léxico é formado. A segunda etapa corresponde a ampliação dos predicados composto pelas categorias verbos e adjetivos, e por último um súbito aumento no vocabulário da criança.

Karmiloff-Smith (1997) observa que o período entre 09 a 18 meses é crucial para despontar o léxico e dos 18 aos 20 meses, a criança descobre que “tudo pode ser nomeado” (KARMILOFF-SMITH, 1997, p. 141-2). Logo, é fundamental neste período inicial oferecer um rico contexto linguístico, facilitador para a criança por meio da situação relacional, da formulação de narrativas, leitura de histórias, canções, para que assim a criança aproprie-se de funcionamento de linguagem, sobretudo, as crianças/jovens com T21. Conforme propõe Scarpa (2001), as crianças com síndrome de Down passam pelos mesmos processos na aquisição, porém mais lentamente, assim, elas necessitam de ainda mais modelos estímulos e intervenções para garantir o desenvolvimento. Notamos que

a assertiva de Scarpa corrobora o pressuposto discutido nesta seção, proposto por Grolla e Silva (2020), os estágios vivenciados são os mesmos para todas as crianças, a idade/o tempo não.

No que tange ao sujeito desta pesquisa, como foi referido, é um jovem com T21, passou a participar do trabalho feito com as pesquisadoras em 2012. No início dos atendimentos, a fala de JR apresentava-se truncada, telegráfica, infantilizada, não fazia o uso do pronome “eu” para referir-se a si mesmo em suas produções. Por intermédio das intervenções propostas, como também com base nas informações dadas para a mãe de JR, pois na fase de aquisição inicial, ela por desconhecer as especificidades de linguagem dos sujeitos com SD, apenas focou nas questões de ordem orgânica do filho. Esse período implicou em atrasos para JR operar em seu funcionamento de linguagem, levando as pesquisadoras a questionar se o processo de aquisição dele se sedimentou, mas após os modelos oportunizados a ele, focado em suas carências linguísticas vislumbramos mudanças significativas na fala dele, em seu comportamento, e na forma que a mãe passou a atuar com ele, especialmente em relação à linguagem. O estudo ao longo destes anos desenvolvido com JR mostramos seus progressos, bem como as particularidades ainda vistas em suas produções orais, desse modo, reconhecemos que ele ainda precisa de um trabalho direcionado para superar essas barreiras linguísticas.

Quanto aos aspectos metodológicos que edificaram o trabalho, serão tratados a seguir.

2. Aspectos metodológicos e procedimento

Conforme foi referenciado, este estudo é de cunho qualitativo, longitudinal realizado com um sujeito, JR, com trissomia do cromossomo 21. Quanto aos dados, foram coletados em situações de atendimento virtual, pela plataforma do Googlemeet, devido ao contexto da pandemia. Os encontros deram-se semanalmente com duração de uma hora. Quanto às temáticas abordadas durante as intervenções, trataram-se acerca de assuntos do interesse do participante, como futebol, programas televisivos, relatos sobre o cotidiano.

Os dados foram transcritos, analisados à luz do paradigma indiciário, postulado por Carlo Ginzburg (1986), pois este modelo apontou para as pesquisadoras as sutilezas da fala de JR desviantes da regularidade. Após análise do atendimento gravado, foram elaboradas intervenções a

serem aplicadas no atendimento posterior baseadas nas necessidades linguísticas de JR e em seus interesses.

Esta pesquisa é parte integrante do projeto submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), intitulado “Escrita e sujeitos com síndrome de Down: similaridades e especificidades nesse processo e o papel do mediador”, tendo sido aprovado conforme atestado da Plataforma Brasil com o número CAAE 29933114.7.0000.0055.

Quanto ao procedimento para aplicação das intervenções, consistiram em atividades de escrita e reescrita dos relatos de JR, recontagem dos fatos espontaneamente narrados por ele, nas situações de atendimento, para que por meio da reordenação, quando necessária, dos fatos contados, o sujeito vislumbrasse modelos para organização e desdobramento da fala.

A seguir, apresentaremos a discussão de duas ocorrências vistas na produção oral de JR.

3. Resultados e discussão

Tomando por base os estágios de aquisição admitido pela literatura, não podemos precisar a etapa na qual JR encontra-se. A entrada de JR no funcionamento de linguagem aconteceu de maneira tardia, entretanto a trajetória trilhada por ele com as pesquisadoras do estudo oportunizou ao sujeito da pesquisa avanços na linguagem e o auxiliou a movimentar-se nas fases de aquisição, por exemplo, de uma fala infantilizada para enunciados com visíveis desdobramentos.

Em abril de 2020, em atendimento, JR pergunta a uma das pesquisadoras, em conversa espontânea, se havia tomado café da manhã, a realização para isso foi expressa da seguinte forma: “café hoje”? Atentamos nessa fala a presença de dois nomes para expressar toda a frase, tal qual uma criança pequena na fase inicial da aquisição. A investigadora escreveu o que havia tomado no café para JR fazer a leitura e visualizar na escrita os modelos para preencher as lacunas em seu enunciado. No encontro, em maio de 2020, JR questiona a pesquisadora “Você tomou cafezinho hoje?”. Constatamos por intermédio desse enunciado, que JR operou internamente, reorganizou a fala preenchendo os elementos linguísticos que anteriormente não se faziam presentes na fala dele.

Outra ocorrência similar foi registrada em 23/06/2021, e como a data precede o festejo junino, JR espontaneamente mencionou a festa “São João” e contou para uma das pesquisadoras do estudo gostar de “dantá forró”, para “dançar forró”. Essa produção chamou a atenção da investigadora, pois a troca por /t/ é comum em crianças pequenas, logo, não é uma produção esperada para a idade que JR está. Para auxiliá-lo a reformular a fala, a investigadora intencionalmente retomou a temática trazida pelo sujeito da pesquisa para oportunizar o modelo tencionado, “dançar forró”. Essa formulação de JR destacou-se, pois ele faz como a criança pequena a combinação de duas palavras, mas observamos a relação semântica estabelecida, dado que JR selecionou ação+objeto (“dantá forró”), segundo Grolla e Silva (2020). No que diz respeito a organização discursiva de JR, nesse exemplo, observamos a ordem canônica da linguagem, SVO (sujeito, verbo, objeto), assim notamos que JR combinou as palavras na ordem esperada, mas ainda precisa selecionar e preencher mais elementos linguísticos.

Na formulação de seus enunciados JR consegue selecionar, mas não elege todos os elementos linguísticos necessários. Conforme Jakobson (1970), temos desordens constatadas no manejo dos eixos por JR, visto que em alguns momentos ele seleciona, mas não combina, ele centra sua atividade linguística no eixo paradigmático. Em virtude disso destacamos ser tão necessária a presença do investigador/orientador para que por intermédio da intervenção focada, JR irá preencher os demais elementos linguísticos, afinal o desenvolvimento só se dá na relação com o outro que organiza e oferece a JR os modelos para seus progressos.

4. Considerações finais

Diante dos aspectos observados, o estudo longitudinal revela-nos os progressos de JR e apesar da entrada tardia na aquisição da linguagem, suas reformulações apontam que ele tem se movido pelos caminhos da linguagem para saltos cada vez mais altos em seu desenvolvimento. Desse modo, reconhecemos que o trabalho de intervenção edificado na situação relacional e intencional com o outro, à luz dos pilares deste estudo, a Teoria Histórico Cultural e a Neurolinguística Discursiva, que aproximam-se em seus pressupostos, a linguagem é trabalho e edifica-se nas práticas sociais. Dessa forma, é possível aos sujeitos com T21 a superação de suas dificuldades e a apropriação das funções psíquicas superiores que desenvolvem-se nas vivências com o outro.

Os dados demonstraram também que JR conquistou avanços, mas ainda muito pode ser feito para orientá-lo em suas necessidades e guiá-lo pelas etapas linguísticas que ele precisa avançar.

Esperamos que as discussões trazidas neste trabalho possam contribuir com os estudos relacionados ao funcionamento de linguagem nas pessoas com síndrome de Down, bem como fomentar outros diálogos e inspirar outras estratégias de intervenções que oportunizem esses sujeitos os caminhos largos para trilharem a estrada da linguagem, definida por um filósofo alemão como *a casa do ser*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernardete; COUDRY, Maria Irma Hadler. Em torno de Sujeitos e Olhares. In: ABAURRE, M.B.; COUDRY, M.I.H. *Estudos da Língua(gem) – Estudos em Neurolinguística*, v. 6, n. 2, p. 171-91, Vitória da Conquista: UESB, 2008.

GINZBURG, Carlo. *Mitos emblemas sinais: morfologia e história*. Tradução de F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GHIRELLO-PIRES, Carla Salati Almeida; LABIGALINI, Ana Paula Vila. Síndrome de Down: funcionamento e linguagem. In: COUDRY, M.I.H.; FREIRE, F.P.M; ANDRADE, M.L. F. de; SILVA, M.A. *Caminhos da Neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas: Mercado Livre, 2010, p. 357-6

GHIRELLO-PIRES, Carla.Salati.Almeida., MORESCHI, Sabrina. Especificidades no acompanhamento inicial de linguagem em crianças com síndrome de Down. In: _____. *Síndrome de Down: perspectivas atuais*. Vitória da Conquista: UESB. 2016.

GROLLA, Elaine; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. *Para Conhecer Aquisição da Linguagem*. 1. ed. 2 reimp. São Paulo: Contexto, 2020.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Trad. de Izidoro. Blikstein e Jose Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

KARMILOFF-SMITH, Annette. Some fundamental aspects of language development after age 5. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. *Language acquisition*. Cambridge: CUP, 1997.

SCARPA, E. M. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

São Paulo: Cortez, 2001. p. 203-2

SCHWARTZMAN, Jose Salomão. *Síndrome de Down*. São Paulo: Memnon, 1999.

VYGOTSKY, Lev. Semionovitch. *Fundamentos de Defectología*. Obras Escogidas, Vol V, Madrid: Visor, 1997.